

## EM TEMPO DE CRISE...

**Roberto Rodrigues\***

O difícil de escrever artigos para revistas mensais é a atualidade dos temas. Os textos devem ser enviados para a editora com mais de 15 dias de antecedência, de modo que eles muitas vezes perdem a atualidade, ficam superados pelos acontecimentos posteriores à escrita e anteriores à publicação. E tem que ser assim mesmo, não há outro jeito.

Quando escrevo estas linhas, não há assunto mais palpitante do que o novo coronavírus e seus efeitos quanto à saúde pública, o funcionamento das instituições e sobre a economia, em especial a rural. E possivelmente também será quando a revista estiver nas bancas, porque a pandemia ainda deve durar uns dois meses, ou mais.

Nesse momento a expectativa é sombria. Governos no mundo todo tomaram medidas duras para evitar o pior para seus cidadãos. As pessoas foram instadas a trabalhar em casa, logradouros públicos foram fechados, competições canceladas, assim como congressos, seminários, espetáculos e outros eventos com muita gente. Restaurantes, cinemas, teatros, academias, bares, feiras, exposições, tudo foi fechando ou diminuindo o ritmo. Escolas suspenderam as aulas, cursos superiores só à distância, creches não receberam crianças, vôos foram cancelados, viagens adiadas, serviços escasseando. Aeroportos ficaram vazios, assim como rodoviárias e estações de trem. Pessoas preocupadas fizeram estoques de mercadorias, alimentos, material de limpeza, remédios, causando tumulto em supermercados. Tudo muito assustador.

Como vai ficar a economia daqui com tanta paralização? Quem tem dinheiro guardado vai atravessar a crise, quem tem salário fixo também, mas o que acontecerá com os milhões que dependem de seu trabalho cotidiano? Como ficarão os garçons, os vendedores de entradas em cinemas, teatros, estádios, como ficarão os vendedores das lojas, os prestadores de serviços? E as pequenas empresas que vivem o dia a dia?

Como ficarão as companhias aéreas e de ônibus? É claro que haverá uma “barriga” na atividade econômica e Bancos Centrais dos países atingidos pelo vírus já estão oferecendo créditos a juros subsidiados ou zerados para atender casos mais graves.

Por outro lado, países asiáticos onde o vírus fez estragos enormes - como a China - já vivem outra fase, a “onda” tenebrosa passou e novos casos de contaminação são menos a cada dia que passa. Claro que isso vai acontecer aqui também.

Portanto, o que importa é “atravessar” o pântano com as menores perdas possíveis. E mais uma vez a ponte será dada pelo campo. Os números da colheita da safra em andamento mostram isso.

Vamos colher 249 milhões de toneladas de grãos, ou 3,10% a mais que o ano passado, que já foi recorde. O número ganha melhores cores quando sabemos que a área plantada cresceu apenas 1,2%, isto é, menos de um terço do que cresceu a produção. Esta é a maior razão para celebrarmos esse novo marco: estamos incorporando novas tecnologias, aumentando a produtividade por

hectare e com isso reduzindo a demanda por novas áreas desmatadas. Ou seja, estamos fazendo uma agricultura sustentável. Se ainda existem ilhas de agricultura malfeitas - e existem, e devem ser combatidas - a grande maioria de nossos produtores vai avançando com inovações preservacionistas, como aquelas do programa ABC. Com essas boas notícias, vamos neutralizando a catástrofe do coronavírus, ao mesmo tempo em que os dados do PIB de 2019 mantêm a boa escrita: embora o PIB do Brasil tenha crescido 1,1% no ano passado, a agropecuária, mais uma vez, salvou a numerologia: cresceu 1,3%.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**